
Territorialidades e Subjetividades no Jornalismo Cultural Matogrossense: o caso da TV de Quinta do Portal Cidadão Cultura¹

Maria Clara de Oliveira Mendes CABRAL²

RESUMO

Esse artigo tem o objetivo de analisar as fontes e pautas presentes nas edições da TV de Quinta(L), produto audiovisual do Portal Cidadão Cultura, uma das principais iniciativas independentes dedicadas ao jornalismo cultural em Mato Grosso. Para isso, utilizamos uma combinação dos métodos de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) e Análise de Conteúdo (AC), visando caracterizar “quem” fala e sobre “o que” falam os entrevistados no quadro. Consideramos que o jornalismo cultural opera na distinção de determinados sujeitos no campo das produções simbólicas e que nosso objeto de estudo se localiza periféricamente aos centros de produção cultural e jornalística do Brasil. Como resultado, observamos um enfoque nos territórios e nas subjetividades como diferenciais, com relação à cobertura hegemônica, o que aponta para um alargamento do conceito de cultura na política editorial do site especializado e, conseqüentemente, esboça tendências da cobertura cultural em mídias de arranjos alternativos.

PALAVRAS-CHAVE: geografias da comunicação; jornalismo cultural; territorialidades; subjetividades.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o objetivo de analisar fontes e pautas presentes nas edições da TV de Quinta(L), produto audiovisual do Portal Cidadão Cultura, uma das principais iniciativas independentes dedicadas ao jornalismo cultural em Mato Grosso, visando caracterizar “quem” e “o que” – elementos básicos de estruturação da informação jornalística – falam os entrevistados no quadro. Ancoradas nas propostas de reflexão e prática do jornalismo cultural no Brasil por Golin (2012), partimos do princípio de que o termo é lacunar, assim como o conceito de cultura é polissêmico. Portanto, a definição de tais questões fica a cargo dos veículos de comunicação e de seus profissionais, com seus valores-notícias e políticas editoriais próprias, conforme determinado local e determinada época, o que se manifesta nas produções.

É pacífico entre os teóricos da área, e perceptível também na prática, que a tendência da produção hegemônica do jornalismo cultural – ou seja, sua cobertura expressa nos veículos midiáticos que carregam valores mercadológicos e epistemológicos de um jornalismo pautado pelo positivismo e pela lógica empresarial –

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT), e-mail: deoliveiramclara@gmail.com.

é a de que as editorias de cultura sejam destinadas às manifestações artísticas, muitas vezes às variedades, e pautadas, sobretudo, pela marca do tempo de lazer (GOLIN, 2012, p. 5). Ao mesmo tempo, uma vez que a cultura engloba tanto aspectos materiais como não-materiais, ela também encarna na realidade empírica da existência cotidiana e, conseqüentemente, pode ser encarada de forma mais ampla como uma “condição de produção e reprodução da sociedade” (MENESES, 1996, p. 89 apud GOLIN, 2012, p. 5), abarcando diversas abordagens e diferentes assuntos.

Portanto, é essencial que a nossa análise da cobertura do Cidadão Cultura, que busca identificar, através da TV de Quinta(L), além do conteúdo em sua frequência e diversidade, marcas de produção e estratégias editoriais – entre elas, a da seleção fontes – esteja atenta a definição do veículo para cultura e jornalismo cultural como uma questão norteadora. No entanto, considerando a riqueza de possibilidades que o recorte de entrevistas do quadro audiovisual apresenta – uma cultura expressa em sujeitos, cujas identidades são formadas por seus contextos sociais – nos permitimos mergulhar nas especificidades do objeto de estudo e abarcar, também, outras importantes perguntas que consideram ainda a realidade brasileira de desigualdades sociais.

Sobre essas desigualdades, vale ressaltar que elas são marcadamente de raça, de gênero e de classe social e se forjam na cultura, nos sistemas simbólicos – como o jornalismo e a produção cultural –, em que a linguagem se constitui central (MORAIS; VEIGA SILVA, 2019, p. 12). Considera-se também as desigualdades regionais, uma vez que cada homem vale pelo lugar onde está (SANTOS, 2002, p. 107) Portanto, se a divulgação de uma obra de arte, por exemplo, é mecanismo obrigatório para sua visibilidade, discussão que desdobraremos no primeiro tópico reservado ao referencial teórico, torna-se fundamental verificar que tipo de corte circunstancial e de representação a mídia faz do circuito em que se insere (GOLIN, 2012, p. 6). Nosso referencial teórico-metodológico parte deste princípio.

Portanto, nos questionamentos: quais parâmetros o Cidadão Cultura estabelece para aferir a vida artística em Mato Grosso? Para responder a questão, acionamos a combinação dos métodos de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ) e a Análise de Conteúdo (AC). Considerando as características e contextos de produção próprios da mídia em análise, que resumidamente se destaca como umas principais mídias alternativas dedicadas ao jornalismo cultural em Mato Grosso – seja por suas características produtivas de independência ou por seus valores ideológicos –

adicionamos mais uma questão a se pensar: quais as especificidades da cobertura cultural em veículos de arranjos alternativos no estado? Partimos da hipótese de que, ao misturar pautas e fontes através da técnica de entrevista que prioriza a produção regional, o veículo insere a subjetividade e as territorialidades como elementos centrais da cobertura.

As pesquisas específicas da comunicação sobre jornalismo cultural realizadas por José Salvador Faro (2006), Cida Golin e Everton Cardoso (2010; 2012), bem como de jornalismo das periferias por Mara Rovida (2020) contribuem para a caracterização do nosso objeto de estudo e embasam nossas perguntas. Também nos auxiliam nas reflexões sobre comunicação e territorialidades, cultura e poder a revisão de Daniela Zanetti e Ruth Reis (2017). O alargamento do conceito de território por Rogério Haesbaert (2020) também contribui com as análises. As perspectivas feministas de Fabiana Morais e Marcia Veiga da Silva (2019) e Bibiana Garcez e Maria João Silveirinha (2020) que propõem considerar as subjetividades como contraponto à objetividade jornalística também nos são caras.

1. JORNALISMO CULTURA, JORNALISMO PERIFÉRICO E PODER SIMBÓLICO

Duas considerações sobre o jornalismo cultural em seu papel de mediação e representação no sistema cultural devem ser destacadas visando as reflexões propostas neste artigo: sobre como o segmento opera enquanto mecanismo de distinção e favorece um espaço de experimentação estética e, conseqüentemente, discursiva, a partir da “consagração editorial da visualidade”, produzindo “um retrato do sistema cultural” de determinado local e determinada época (GOLIN; CARDOSO, 2010). Acionando recursos como é o audiovisual na cobertura da TV de Quinta(L), possibilitando experimentações estéticas, o jornalismo cultural funciona, portanto, como uma “plataforma interpretadora” (FARO, 2006).

Golin e Cardoso (2010, p. 184) destacam como função da imprensa a de dinamizar e documentar o campo de produção cultural, agir na formação de públicos e fornecer parâmetros de valor. Assim o campo jornalístico detém de forma privilegiada o capital simbólico de incluir ou excluir, de qualificar ou desqualificar, de legitimar ou não, de dizer ou silenciar (GOLIN; CARDOSO, 2010, p. 195). Tal função estratégica é justamente o que favorece a *distinção* de produtos, possibilitando ao jornalismo cultural

o poder de interferir no processo de consagração de determinados produtos e agentes do campo da produção cultural.

Nesse sentido, a noção de acontecimento no jornalismo cultural ganha contornos próprios. Adriano Rodrigues (1999 apud GOLIN, 2012, p. 8) define *acontecimentos segundos* ou *meta-acontecimentos* aqueles que visam à notabilidade e à performance provocadas pela própria existência do discurso midiático. “Logo, o espaço estratégico que recebem na imprensa determinados sujeitos e produções acaba sendo assunto tanto quanto a notícia em si, afiançando a lógica da publicidade da cultura” (GOLIN, 2012, p. 8).

Análises críticas do sociólogo Pierre Bourdieu (2004 apud GOLIN, 2012) apontam o processo de criação, circulação e consagração dos bens simbólicos como o resultado de um amplo jogo e empreendimento social que implica uma lógica de luta de disputa pela hegemonia. Nessa perspectiva, José Salvador Faro (2006, p. 149) sustenta a hipótese de que o jornalismo cultural “constitui-se em um território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas”.

Considerando especificidades conjunturais, portanto, destacamos outro conceito relevante diante da localização e das intenções declaradas em nosso objeto de estudo, o “jornalismo das periferias”, trabalhado por Mara Rovida. A pesquisadora (2020, p. 6) destaca *periferia* como um território distante dos centros de poder e da estrutura urbana mais “desenvolvida” e marcada pela experiência do “tempo de acesso lento”, conforme classificação de Milton Santos (2002). Se considerarmos Mato Grosso e Cuiabá como territórios localizados à margem dos centros de produção cultural e jornalística, se comparados a estados e capitais que compõem a região Sudeste, por exemplo, é possível enquadrá-la como uma “periferia” do país, ainda carente de políticas culturais permanentes e outros incentivos econômicos ao setor.

Rovida (2020, p. 6) também caracteriza periferia como um território de pertencimentos e identifica nos jornalistas das periferias uma postura engajada que reflete sobre seus fazeres comunicacionais, entendendo seus territórios como potencialidades a serem narradas em suas produções. Desse sentido, destaca os estudos nos estudos sobre os “arranjos alternativos” de mídia que o contexto social – de disseminação da tecnologia digital com smartphones, queda nos custos de produção,

ainda que não completamente, além da expansão das políticas públicas de acesso ao ensino superior nas duas primeiras décadas do século XXI – seria ao menos parte do motivo do surgimento de numerosos veículos de comunicação nas ditas periferias das grandes regiões metropolitanas do país. Assim, o Brasil viu o surgimento de diversas iniciativas com perspectivas mais assumidamente localizadas frente a outras como a dita “mídia hegemônica”.

Considerando tais aspectos contextuais, vale ainda destacar o espaço em que o Cidadão Cultura e a TV de Quinta (L) se localizam e se inserem: a internet. A partir do jornalismo online, o conteúdo do portal circula entre agentes culturais e públicos independentemente de sua localidade física. Nesse sentido, Zanetti e Reis (2017, p. 14) destacam a emergência da internet e das tecnologias digitais pela sua capacidade de perfurar barreiras simbólicas ou materiais e, assim, desvelar novas experiências espaciais e territoriais. Desse modo, percebem a intensificação do que Firmino e Duarte (2008, sem página) denominam como “espaço ampliado” pelas tecnologias digitais, “com seus dados, informações e todos os tipos de fluxos que, de maneira invisível, povoam lugares e espaços”.

2. CIDADÃ(O) CULTURA E A TV DE QUINTA(L): A MÍDIA EM ANÁLISE

O Cidadã(o) Cultura é um portal especializado em jornalismo cultural, viabilizado de forma independente por comunicadores(as) vinculados ao território mato-grossense de forma física e simbolicamente. Uma de suas idealizadoras, diretora e editora, Marianna Marimon descreve a iniciativa como uma “plataforma de mapeamento da produção artística de Mato Grosso”, que busca conectá-la “ao que está acontecendo no Brasil e no mundo” (PAPOCOM, 2021). Apesar de a cobertura jornalística ter um enfoque local e regional, a jornalista cuiabana, que atualmente reside em São Paulo (SP), afirma que o Cidadã(o) Cultura não é um veículo somente de ou para Mato Grosso, mas uma ferramenta capaz de comunicar em qualquer lugar, a partir das pontes criadas pelos colaboradores (PAPOCOM, 2021).

Com relação ao conteúdo produzido pelo site, ele é composto por seções destinadas ao Jornalismo, com notícias, reportagens, entrevistas, perfis e críticas; à Literatura, com contos e crônicas, pesquisa e poesia; aos Roteiros culturais, com informações sobre eventos e dicas de programação online e presencial, principalmente

em Cuiabá e destinado aos fins de semana; e, finalmente, a TV de Quintal(L), produto audiovisual do portal. Destacamos esta última seção como objeto de análise pela função que ela aparentemente exerce de retratar os “cidadãos e cidadãs Cultura” enquanto tema principal, conforme sugere o próprio nome do portal; ou seja, os sujeitos produtores de arte e cultura. Consideramos também a relevância do quadro expressa por Marianna Marimon (PAPOCOM, 2021), que considera a produção audiovisual essencial na perspectiva editorial do portal.

Dentre todas as edições da TV de Quinta(L), nove se enquadram no gênero reportagem e 66 são entrevistas, nas quais daremos enfoque diante dos objetivos deste trabalho, considerando sua amostra total. Uma consideração a se fazer sobre o quadro é que ele, apesar de ser idealizado com frequência semanal, como também sugere o nome, foi visivelmente desarticulado desde o início da pandemia, período em que foram publicados videoclipes recém-lançados, filmes e documentários, totalizando 27 publicações do gênero.

As edições trazem entrevistas com indivíduos e coletivos no formato audiovisual, com duração que varia entre três a seis minutos (algumas pontuais ultrapassam ou chegam próximo a marca de 10 minutos). Em uma leitura flutuante, nota-se que seu objetivo principal é apresentar alguns dos representantes da cultura regional e nacional. Uma estratégia importante a qual precisamos nos atentar durante a análise da cobertura, com relação à explicitação de procedimentos segundo a regra da transparência (SILVA; MAIA, 2021, p. 25-26), é a opção estética e discursiva do material pela exclusão das perguntas realizadas pelo entrevistado no material final.

3. ANÁLISE DE CONTEÚDO (AC) E ANÁLISE DE COBERTURA JORNALÍSTICA (ACJ)

Para identificar “quem” fala e sobre “o que” falam os sujeitos entrevistados na cobertura da TV de Quinta(L), considerado, estes, elementos básicos de estruturação da informação jornalística, combinamos dois métodos complementares: a Análise de Conteúdo (AC) e Análise de Cobertura Jornalística (ACJ).

Tradicional em estudos da comunicação e outras áreas da linguagem e humanidades, a primeira permite que nos debrucemos no conteúdo das produções a partir de uma abordagem quali-quantitativa; ou seja, com função descritiva, mas que também assume o objetivo de *inferência*. “Na análise quantitativa o que serve de

informação é a *freqüência* com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou a *ausência* de uma característica ou de um conjunto de características” (BARDIN, 1977, p. 21). Portanto, utilizaremos a AC para identificar temas tratados nas pautas da entrevistas, a partir da definição de categorias.

Como um desdobramento e especificação da própria análise de conteúdo aplicada ao jornalismo, por exemplo, a análise de cobertura jornalística parte de uma crítica à preponderância de análises da mensagem sob as demais etapas do processo jornalístico, o que revela uma tendência limitante “à fragmentação do processo jornalístico segundo o esquematismo dos modelos de comunicação tradicionais, que separam produção (emissão), produto (meio/mensagem) e consumo (recepção) em categorias estanques” (SILVA; MAIA, 2011, p. 21). Desse modo, propõe procedimentos para a investigação da marcas de produção deixadas no produto, superando a lógica de etapas e olhando o objeto como um todo.

Abrangente, portanto, o protocolo da ACJ pode ser aplicado tanto para refletir sobre como veículos realizam a cobertura de acontecimentos específicos, quanto sobre como um determinado veículo estrutura os assuntos em geral (SILVA; MAIA, 2011, p. 32), mapeando tendências e possíveis lacunas (SILVA; MAIA, 2011, p. 25). Questões importantes de serem observadas em pesquisas de veículos alternativos e/ou independentes, que possuem dinâmicas de produção próprias, bem como desafios estruturais diversos que, muitas vezes, limitam sua prática. Ou até mesmo considerando as especificidades do jornalismo cultural em tal contexto, que acaba por desenvolver valores-notícias próprios e nos coloca a refletir sobre o acontecimento jornalístico como fato e sentido (SILVA; MAIA, 2011, p. 19).

Desse modo, a ACJ se organiza em três níveis analíticos que “olham para o objeto de estudo a partir de uma lente diferente” (SILVA; MAIA, 2011, p. 26-27): (1º) *marcas da apuração*, que recai sobre as matérias jornalísticas, explorando indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura em *close-up*; (2º) *marcas da composição do produto*, que oferece uma visão um pouco mais aberta do objeto, enfocando não só o texto, mas o conjunto amplo do produto; e (3º) *aspectos da caracterização contextual*, que oferece um plano geral do objeto, captando aspectos da dimensão organizacional e do contexto sócio-histórico-cultural. Nas discussões sobre os resultados, nos concentramos no primeiro nível da ACJ, mas considera também os dois outros níveis, já inicialmente abordados no tópico anterior.

Vale lembrar que partimos da hipótese de que, ao misturar pautas e fontes através da técnica de entrevista, o veículo insere a subjetividade – neste caso, dos sujeitos entrevistados – como um elemento central da cobertura. Portanto, devemos considerar, conforme propõem Moraes e Veiga (2019) questões “extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível” que residem

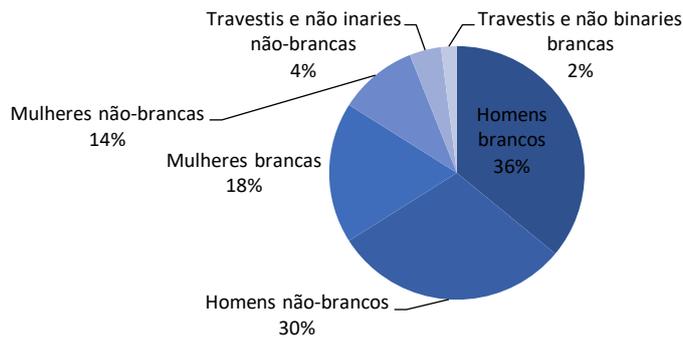
na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na fissura de representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante. (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 14).

Tais questões levantadas pelas autoras são apropriadas neste estudo como categorias da análise para caracterizar os entrevistados da TV de Quinta(L).

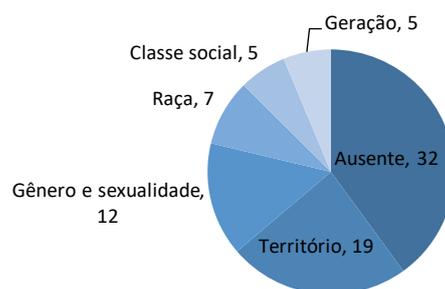
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No volume de 66 edições da *TV de Quinta(L)*, 51 são entrevistas com indivíduos, sendo um único artista duas vezes entrevistado, e 15 entrevistas com mais de uma pessoa, sendo coletivos, duplas e bandas. Com relação ao gênero e a raça dos entrevistados, possíveis de serem identificados especificamente no mapeamento das entrevistas individuais a maioria são homens brancos, seguidos dos homens não-brancos. Vale explicar que abarcamos nessa categoria “não branca” pessoas de fenótipo negro e indígena, considerando as especificidades sócio-históricas da região mato-grossense. Generalizamos por entender que as identidades de gênero e de raça se baseiam na autodeterminação, cuja metodologia transcende as limitações deste artigo. Interessam-nos aqui, mais especificamente, as classificações de gênero relacionadas a grupos hegemônicos e não-hegemônicos no contexto colocado.

Gêneros não masculinos são 34% da amostra, sendo a maioria mulheres brancas (18%), seguidas das mulheres não-brancas (14%). Além das entrevistadas identificadas pelo gênero feminino, categorizamos pessoas que recusam o binarismo de gênero ou identificam com a travestilidade; são três, sendo uma pessoa branca e outras duas pessoas não-brancas.



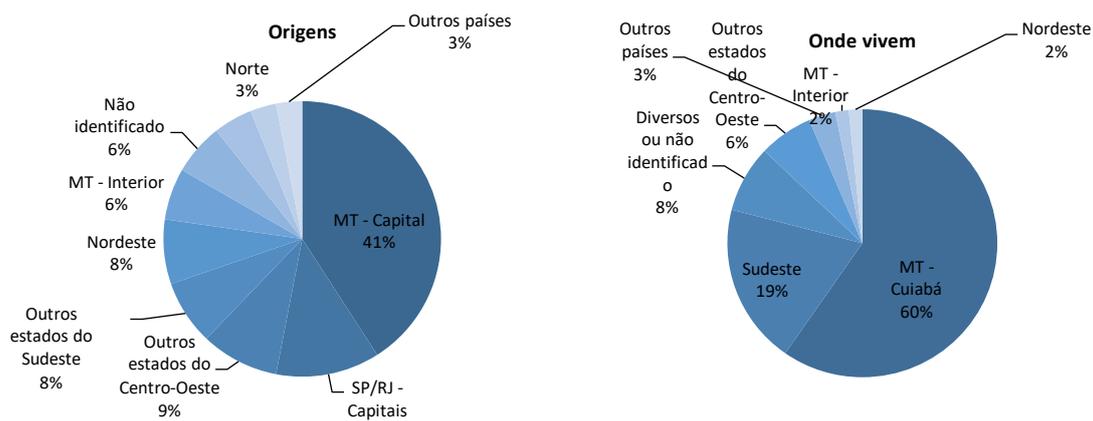
Vale lembrar que as classificações de gênero e raça não poderiam ser desconsideradas quando buscamos a compreensão de quem possui visibilidade na cobertura analisada, considerando as disputas de poder no campo da produção simbólica e as desigualdades sociais no Brasil. Para autores construtores da epistemologia decolonial latino-americana, “o corpo não pode ser tratado de modo neutro e universal, pois tem raça, sexualidade e gênero – além, é claro, de idade (faixa geracional) e classe socioeconômica” (HAESBAERT, 2020, p. 77). Elas são importantes, portanto, para localizarmos de que posições sociais partem as falas dos sujeitos entrevistados. Também poderíamos adotar aqui outras classificações; no entanto, depois do território, gênero e raça são as que mais se destacam na amostra, como pode ser observado no gráfico abaixo, que retrata a frequência em que aspectos das identidades e posições sociais aparecem no conteúdo, ou seja, nas edições das entrevistas. No entanto, observa-se que elas estão mais ausentes que presentes e, se somadas gênero e raça, aparecem menos que as identificações com os territórios.



Diante da opacidade das questões colocadas pelos entrevistadores, consideramos que o aparecimento dessas questões pode ter sido provocado tanto da abordagem jornalística quanto colocada pela própria sujeita ou sujeito, cujas experiências são intrínsecas às suas produções artísticas. A partir de um olhar qualitativo, percebemos que, no geral, apesar das questões de gênero aparecem majoritariamente em entrevistas com mulheres, bem como as questões relacionadas à raça em entrevistas com artistas

negras (os), isso não acontece a partir da exploração de experiências de violências ou de relatos estritamente pessoais, por exemplo, como é comum na prática do jornalismo tradicional. Essa identidade e posição social aparecem nas reflexões sobre um “corpo-território” produtor de cultura, ou seja, com base no entendimento de que “cada corpo vivo é um espaço e tem seu espaço: ele se produz no espaço e produz o espaço (LEFEBVRE, 1986[1974]:199 apud HAESBAERT, 2020, p. 77).

Visando ainda a compreensão do local de fala dos entrevistados da TV de Quinta(L) é importante perceber, portanto, os territórios – nestes casos, territórios físicos e geográficos – atrelados a origem e vivências desses sujeitos. Uma vez observadas a frequência em que eles aparecem nas entrevistas, também lançamos mão de uma busca externa ao conteúdo do site, principalmente a partir das redes sociais dos entrevistados, para fins de levantamento dos dados.



Com relação à análise dos territórios que deixam marcas na cobertura, consideramos as relações de poder e hegemonia entre centro e periferia do país e também do estado. Percebe-se uma quantidade muito maior de entrevistados residentes em outras regiões brasileiras, principalmente nas capitais do Sudeste, que no interior de Mato Grosso, revelando um conteúdo regionalmente centralizado. Esse resultado pode ser consequência tanto da curadoria do site, que revela a localização de seus produtores, quanto por questões estruturais e produtivas, já que se compararmos origem e residência dos entrevistados no interior do estado, apenas um (a) vive no interior.

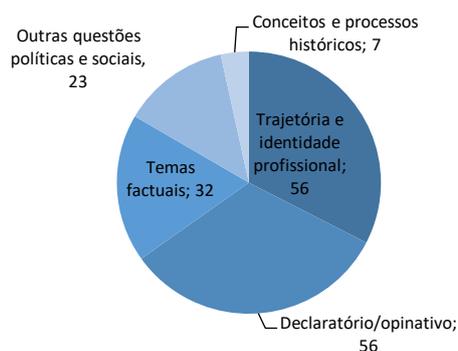
Um dado que contribuiu para revelar características produtivas da TV de Quinta(L) – que, por se tratar de audiovisual, exige certa estrutura de deslocamento –, é que 86% das entrevistas foram realizadas em Cuiabá, onde seus produtores se concentram – diversas entrevistas, inclusive, são gravadas no quintal dos realizadores.

Pelo menos três entrevistas foram realizadas em São Paulo (SP) e uma em Chapada dos Guimarães (MT), cidade localizada a 65 km da capital. Não foi possível identificar o local de realização do restante das entrevistas.

Essa localização dos entrevistados também revela a característica estratégica da cobertura do site, conforme intenção declarada por Marianna Marimon (PAPOCOM, 2021) de conectar a produção cultural mato-grossense ao que está acontecendo no Brasil e no mundo. Esse centro de “acontecimentos”, no país, seria justamente a região Sudeste, especialmente as capitais de São Paulo e Rio de Janeiro. Conectada especialmente a Cuiabá, a cobertura do Cidadão Cultura se coloca como uma ponte direta entre territórios pertencentes ao eixo e um território central para a produção fora do eixo, através da visibilidade dada a ambos em um mesmo espaço.

Outro dado importante com relação aos territórios, novamente no conteúdo da entrevista, é que apenas 12 entrevistas não abordam nas edições ou são interpeladas pelas territorialidades. Ou seja, mais de 80% reúnem significações e usos atribuídos pelos entrevistados, ou acionados pelos jornalistas, aos seus corpos e territórios, não apenas a partir da concepção de “corpo-território”, mas de “território-corpo”, que como que invertendo o raciocínio em torno do corpo-território, considera a própria terra como corpo, (HAESBAERT, 2020, p. 82). Nesse sentido, os relatos sobre as produções, processos criativos e identidades fazem menções à relação com a terra, a conjugação entre corpo individual e corpo social, bem como ao corpo feminino em específico, inclusive o útero enquanto um primeiro território. Questões como aborto, domínio dos corpos femininos a partir dos estereótipos de gênero e performatividade dos corpos LGBTQIA+, negros e periféricos na arte também aparecem em entrevistas com mulheres, negros e negras e pessoas identificadas com a sigla.

Por último, seguindo com a análise de conteúdo das entrevistas, elencamos as pautas das edições da TV de Quinta(L), categorizadas no gráfico abaixo.



Como é de se esperar pela temática central da cobertura do Cidadã(o) Cultura, as trajetórias e identidades artístico-profissionais dos artistas entrevistados, atrelados a seus processos criativos e referências, compõem uma das categorias que mais aparecem como conteúdo das entrevistas. No entanto, com a mesma predominância, percebemos as declarações relacionadas à área de atuação do entrevistado, considerando as seguintes questões: papel da arte, cena local, mercado e políticas culturais. Esse conteúdo declaratório, especificamente em relação ao gênero entrevista no jornalismo cultural, revela a opção por um conteúdo reflexivo que ultrapassa as significações das experiências apenas no campo do individual, principalmente se somada a “outras questões políticas e sociais”. Esta última categoria temática se diferencia das outras por se tratar de processos não apenas no campo das artes, ampliando o conceito de cultura.

Os tradicionais “temas factuais” do jornalismo cultural, como os eventos e produtos, ou seja, o projeto mais recente dos entrevistados, também aparecem como pauta, acionados como “gancho” e valor-notícia. Tal aspecto revela que o conteúdo da TV de Quinta(L) não se desatrela do jornalismo e não vincula apenas a uma produção documental, por exemplo, exprimindo o valor-notícia da atualidade. Já a categoria menos explorada é aquela em que o entrevistado discorre sobre conceitos ou processos históricos relacionados a campo sociais como a arte e a produção cultural; ou seja, aquela que “eleva” o entrevistado à categoria de especialista. Tratam-se de conhecimentos específicos de sujeitos pesquisadores; são eles majoritariamente homens, profissionais e estudiosos da música, moda, literatura, linguagem, jornalismo e até mesmo da saúde coletiva. O que novamente demonstra um alargamento o conceito de Cultura e reproduz tendências do jornalismo tradicional com relação ao gênero.

Olhando para a totalidade do levantamento sobre as temáticas, percebemos uma cobertura que, ao contrário da maioria dos portais especializados em arte e cultura (especialmente os sites comerciais), restritas ao produto acabado em lançamentos e eventos, consegue explorar os *processos* culturais. Ou seja, “uma cobertura abrangente, investigativa e/ou reflexiva, das políticas culturais, do marketing cultural, da atuação do poder público, da economia envolvida com a cultura” (CUNHA; FERREIRA; MAGALHÃES, 2002).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados referentes à caracterização dos entrevistados demonstram algumas fragilidades da TV de Quintal ao reproduzir hierarquias sociais de gênero com a predominância de entrevistados homens principalmente na categoria de especialistas. No entanto, consideramos que esse aspecto da cobertura pode significar muito mais um reflexo da sociedade moderna, do que uma característica do portal. Isso porque a reprodução de valores estruturais não tem relação apenas com a frequência de determinados gêneros na cobertura jornalística, ou seja, com base em uma “mera contagem de corpos” (DE BRUIN, 2000, p. 224 apud GARCEZ; SIVEIRINHA, 2020, p. 124). Ela se dá na abordagem de tais sujeitas e sujeitos nos veículos, sobre as quais autoras feministas constataam uma sub-representação de mulheres nas mídias, e destacam pesquisas mostram ser poucas as coberturas que desafiam estereótipos de gênero, destacam desigualdades ou mencionam políticas para igualdade. Nas entrevistas da TV de Quintal, isso não acontece; pelo contrário, são exatamente essas as questões colocadas quando as identidades aparecem.

Portanto, até mesmo sobre as fontes, os resultados dão pistas das potências da cobertura de iniciativas como a TV de Quinta(L). Considerando certa diversidade na amostra, o veículo de jornalismo cultural independente demonstra um espaço complexo que alarga a compreensão de gênero e desafia as hierarquias de raça, vista a maior frequência de homens não-brancos que mulheres brancas, por exemplo. Com relação às pautas no conjunto das edições, a predominância das declarações gerais encontra as reflexões de Salvador Faro (2003). Segundo o autor, apesar do jornalismo cultural estar preso à agenda do mercado, há, em sua prática contemporânea, outras lógicas determinantes. Uma de suas características seria justamente a de abrigar o trânsito pela avaliação e análise da produção simbólica, o que, respondendo mais uma de nossas perguntas iniciais, pode revelar uma das tendências quanto ao que diferencia a cobertura cultural dos arranjos alternativos.

Nesse sentido, que considera a dimensão antropológica do conceito de cultura como universo do sentido e da mobilização de significações e valores de uma sociedade (GOLIN; CARDOSO, 2010, p. 194), podemos concluir em um primeiro momento, respondendo também a questão sobre os possíveis parâmetros estabelecidos pelo Cidadão Cultura para aferir a vida artística de Mato Grosso enquanto Brasil, que uma cobertura de jornalismo cultural alternativa e localizada – neste caso, em uma região considerada periférica, e que considera a diversidade de práticas e experiências dos

sujeitos envolvidos no sistema artístico-cultural – coloca em prática as subjetividades que as perspectivas feministas de jornalismo propõem como estratégia descolonizadora.

Isso porque, ao unir os conceitos de pauta e fonte, predomina na cobertura da TV de Quintal um “espaço onde residem as visões de mundo, os valores, as ideologias inerentes aos sujeitos e interagentes nos processos cognitivos de interpretação do real (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 17). E considerando que a subjetividade pode se manifestar no jornalismo tanto no que tange a como o profissional jornalista se coloca na produção, quanto a como são inseridas na cobertura as fontes selecionadas, percebemos que o Cidadão Cultura desafia valores próprios da objetividade, como a apresentação de um mesmo lado de um fato, prática que, ao acumular um grande número de diferentes pontos de vista, pode resultar em uma maior dificuldade de entendimento ou de julgamento do leitor (GARCEZ; SILVEIRINHA, 2019, p. 121), bem como a necessidade de se impor uma separação entre fatos e valores (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 12). “Tal separação nega a função política do conhecimento, ao idealizá-lo como passível de neutralidade, e estrutura uma racionalidade em que a razão teria qualidades transcendentais e universais, ou seja, fora da experiência corpórea” (MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019, p. 13).

Por último, olhando especificamente para o aparecimento dos territórios, contactamos novamente limitações e potências a partir do Cidadão Cultura. Considerando a função de mapeamento da produção de todo um estado, à qual a iniciativa se coloca, a cobertura está limitada a questões estruturais de deslocamento e localização. No entanto, ela consegue cumprir com outra função ligada a esta, a de conectar uma produção periférica ao Brasil e ao mundo. Portanto, como referência de jornalismo cultural alternativo em Mato Grosso, a iniciativa demonstra, no contexto da internet, potencial para promover uma espécie de (re)territorialização: ou seja, um processo de (re)apropriação e uso de um espaço físico e simbólico (considerado aqui as escalas do corpo-território) que coloca o estado e sua população no mapa.

6. REFERÊNCIAS

CUNHA, Leonardo; FERREIRA, Nísio Antônio Teixeira; MAGALHÃES, Luís. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. Temas, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

Daniela; REIS, Ruth. **Comunicação e territorialidades**: em torno do poder e da cultura. In: ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth. *Comunicação e territorialidades: Poder e Cultura, Redes e Mídias*. Vitória: EDUFES, 2017, p. 10-21.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Studio Nobel, 2002.

FARO, José Salvador. **Nem tudo que reluz é ouro**: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. *Comunicação & Sociedade*, v. 28, n. 46, p. 143-163, 2006.

FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fábio. **Cidade infiltrada, espaço ampliado**: as tecnologias de informação e comunicação e as representações das especialidades contemporâneas. *Arquitextos* (São Paulo. Online), v. 96, 2008.

GARCEZ, Bibiana; SILVEIRINHA, Maria João. **Objetividade jornalística e perspectiva feminista: por uma articulação**. *Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, n. 10, p. 117-130, 2020.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. **Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: a mediação e visibilidade**. In: BOLAÑO, César, GOLIN, Cida e BRITTOS, Valério (Org.). *Economia da arte e da cultura*. Itaú Cultural. São Paulo, 2010. pp. 184-203.

GOLIN, Cida. **Jornalismo cultural**: reflexão e prática. 2012. Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/JornalismoCultural-Reflex%C3%A3o-e-Pr%C3%A1tica.pdf>>. Acesso em: 04/08/2021.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora**. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS. *Anais...* v. 11, 2019..

PAPOCOM #45: **Comunicação e Territorialidades (Centro-Oeste)**. Entrevistados: Gilmar Galache (Ascuri-MS e Etnia Terena), Mylena Fraiha (Revista Badaró), João Negrão (Expresso 61), Marianna Marimon (Portal Cidadão Cultura), Antonio Costa (Zaki News-MT) e Geremias dos Santos (Abraço). Mediadora: Tamires Coêlho. Brasil: Spotify, 1 de jun. de 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/20358dKECjwFjog0Pl6tf0?si=kLY28b2RNqJwihfM3-ng&dl_branch=1>. Acesso em: 16/06/2021.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias**. *Revista FAMECOS*, v. 27, p. e37004-e37004, 2020.

ZANETTI, Daniele; SILVA, G.; MAIA, F. D. **Análise de cobertura jornalística**: um protocolo metodológico. *RuMoRes*, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Do corpo-território ao território-corpo (da terra)**: contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, 2020.